

# Mercado das TI não baixa os a um 2012 com diagnóstico

A “Vida Económica” abordou 50 players a atuarem nos mais diversos ramos das Tecnologias da Informação para tentar perceber o que esperam elas de 2012, que, à partida, é desde logo apontado como um mau ano. Obviamente obtivemos as mais diversas respostas. Um assumiram que o sector das tecnologias não é imune à recessão económica mas também houve as que garantiram que as TI, por serem essenciais ao negócio, não vão sofrer o impacto do conturbado período económico em que nos encontramos. E praticamente todas preferem falar em desafios, em oportunidades, em inovação e na forte componente de internacionalização do sector.

SUSANA MARVÃO  
s.marvao@vidaeconomica.pt

O desafio era tentar perceber o que esperam de 2012 as empresas a operarem em Portugal no mercado das Tecnologias da Informação. Isto quando as projeções económicas globais, já todos sabemos, são tudo menos simpáticas. Segundo a IDC, a prestação do mercado das TI também deverá roçar o vermelho. E projeta que durante este ano o sector irá registar uma quebra de qualquer coisa como 3,9 pontos percentuais. Um dos segmentos com maiores perdas, para a IDC, será o dos computadores, tablets e smartphones, que irá cair 12,5%. A consultora aponta 2013 como o ano de recuperação para este mercado.

Mas... e o que dizem as empresas? O que efetivamente esperam elas do mercado nacional? A “Vida Económica” abordou 50 players a atuarem nos mais diversos ramos das TI. E obviamente obteve as mais diversas respostas a esta pergunta. Houve empresas que assumiram que o sector das tecnologias não é imune à recessão económica mas também houve as que garantiram que as TI, por serem essenciais ao negócio, não vão sofrer o impacto do conturbado período económico em que nos encontramos. Outras empresas, provavelmente levadas por uma necessária onda de positivismo, advogam que não é altura para pensar em crise. E preferem falar em desafios, em oportunidades, em inovação e na forte componente de internacionalização do sector. E

garantem que com mais trabalho, mais imaginação e novas formas de abordagem ao negócio o sector irá diferenciar-se no panorama económico.

## Sector é resiliente

A IBM é uma das empresas que admite que o sector das tecnologias não é imune à recessão económica, apesar de o classificar como bastante resiliente. Luís Barata, Portugal sectors cluster unit executive, explica que existe, de facto, um sentimento de contenção e abrandamento, reflexo das dificuldades que o país tem enfrentado. As empresas estão a investir menos, diz a IBM, cortando em custos e repensando os investimentos. “No entanto, neste novo ano, ainda que o mercado possa sofrer alguma contratação na adoção de algumas tecnologias tradicionais, vai certamente investir, em novas áreas estratégicas escolhidas criteriosamente, onde os investimentos se vão revelar altamente rentáveis no médio prazo e na preparação para a retoma. As empresas com mais visão irão seguramente optar por esta via. Sobre tudo porque as TI têm na sua carteira de produtos soluções adaptáveis à atual conjuntura, permitindo reduzir custos e rentabilizar o negócio”.

Já José Correia, diretor de unidade de negócio de imagem e impressão da HP, aponta que em 2012 vamos continuar a assistir a um investimento mais controlado em tecnologias que não tenham a ver com o core business das organizações, “passando parte do investimento para áreas de inovação que permitam às empresas tornarem-se mais eficientes e produtivas”.

Patrícia Fernandes, citizenship & corporate image manager da Microsoft Portugal, corrobora que 2012 será um ano particularmente difícil para Portugal, com o consumo em erosão, a economia em manifesta recessão, o desemprego a subir em espiral, o Estado a investir menos e as empresas muito mais cautelosas e com dificuldades de acesso ao crédito. Por isso, a responsável avança que “na Microsoft Portugal temos de nos esforçar, mais do que nunca, para provar que a nossa oferta é melhor e digna de captar o investimento disponível e não hesitar em manter o mesmo nível de excelência com menos recursos disponíveis”. Por este motivo, Patrícia Fernandes diz que os objetivos não se centram em crescimentos orgânicos ou até de faturação, mas sim em crescimentos de quota de mercado e rentabilidade, mesmo com decréscimos de faturação.

## O ano mais difícil da última década

2012 será provavelmente o ano mais difícil da última década para o sector, sendo de prever uma forte contração nos gastos do sector público e a continuação da austeridade nos restantes, diz Luís Paulo Salvado, CEO da Novabase. “O aprofundamento da crise irá também acentuar o



**Luís Miguel Campos, CEO do grupo PDM, espera que este ano seja mais difícil, mas é “nos momentos de crise que as empresas portuguesas inovam. Essencialmente porque são repensadas estratégias e se aprendem a racionar recursos”.**

processo de seleção natural em curso, nas empresas do sector. As empresas muito alavancadas passarão por grandes dificuldades e algumas poderão mesmo não resistir”. Por outro lado, diz este responsável, as empresas nacionais com ofertas muito diferenciadas terão na internacionalização uma boa oportunidade para se desenvolverem.

Já Gonçalo Quadros, chairman da Critical Software, é da opinião que os mercados de TI terão níveis de investimento muito diferentes mediante as geografias e os sectores de atividade. “Na atual conjuntura, há que reconhecer que poderá ser necessário rever modelos de negócio e oferta, e isso requer sistemas de informação flexíveis e robustos para suportar essas necessidades”.

## Apelar ao positivismo

Fernando Baldini Simões, corporate sales manager da Kaspersky Lab em Portugal, foi dos que mais apelou à onda de positivismo. E diz mesmo que “se continuarmos com esse discurso pessimista, com certeza que continuaremos a ter muita retração no investimento em novos projetos e muito regateio para manter os sistemas atuais que se encontram em produção, pelos diversos motivos que todos conhecemos: da Administração Pública não haverá investimento, há ordens para

# braços fatal

## Investimento vai manter-se

Para Luís Santos, customer portfolio management diretor da CA Technologies, hoje em dia as TI têm um grande peso no funcionamento do negócio, pelo que, embora possa sofrer algum abrandamento, o investimento nas TI no sector empresarial vai manter-se, “pois trata-se de uma área vital para que os negócios continuem na linha da frente e sejam concorrenciais2.

Já Marcos Viladomiu, marketing manager da Logitech Iberica, salienta a necessidade de encarar o momento como uma oportunidade. “Esperamos é uma maturação do nosso sector de atividade e que as perspetivas negativas não se venham a concretizar, embora estejamos preparados para nos adaptarmos a qualquer momento”.

Por parte da PHC, Ricardo Parreira, presidente do conselho de administração, aponta 2012 como um ano em que as empresas devem refletir sobre os seus processos. Ou seja, “um ótimo ano para se organizarem, organizarem os seus processos, reduzirem custos e preocuparem-se em criar valor para o seu negócio. Para alcançar todas estas metas a melhor ferramenta é a tecnologia, nomeadamente os ERP, e por isso prevemos que o comportamento deste sector seja melhor que a evolução do resto da economia”.

Também Jorge Santos Carneiro, CEO da Sage, se foca mais os desafios do que nas dificuldades. “Sendo as TI, em particular o software de gestão, uma ferramenta de apoio à gestão, num ambiente de discussão pessimista e conjuntura económica difícil, assume particular relevância, portanto espero que tenhamos a capacidade de ir proporcionando as ferramentas adequadas à medida que o cenário económico vai evoluindo”. Por isso mesmo o gestor vê, na crise, uma oportunidade “que espero saibamos potenciar”.

## Internacionalização é vital

A indústria das TIC é um catalisador com provas dadas no crescimento económico e na criação de emprego, graças à sua capacidade multiplicadora de geração de negócio, diz Guive Chafai, head of marketing da Alcatel-Lucent Portugal.

Opinião corroborada por José Carlos Gonçalves, presidente Logica Iberia & Latin America que classifica o sector das TI como dos mais resistentes, uma vez que apresenta elevadas taxas de internacionalização. “É verdade que muitas empresas vão repensar os seus investimentos, vão limitar verbas e reduzir serviços, mas é por isso que a internacionalização se assume cada vez mais como uma arma de defesa. Não podemos ignorar o discurso pessimista que domina a imprensa nacional, políticos e economistas e outros market makers, mas podemos procurar uma solução”.

Gonçalo Reis, business development manager da Kingston Technology, assume que numa perspectiva mais global

## Previsões do Gartner para 2012:

- Até 2015, os serviços de nuvem de baixo custo vão canalizar até 15% da faturação dos principais players.
- A bolha de investimentos vai explodir para as redes sociais de consumidores em 2013 e para as companhias de software social empresarial em 2014.
- Até 2016, pelo menos 50% dos usuários de email empresarial vão depender primariamente de um navegador, um tablet ou um cliente móvel, em vez de um cliente desktop.
- Até 2015, os projetos de desenvolvimento de aplicações voltadas para smartphones e tablets vão superar os projetos nativos de PC a uma taxa de quatro para um.
- Até 2016, 40% das empresas farão com que os testes de segurança independentes sejam uma pré-condição para utilizar qualquer tipo de serviço de nuvem.
- No final de 2016, mais de 50% das companhias da Global 1000 terão armazenado dados confidenciais dos clientes na nuvem pública.
- Até 2015, 35% dos gastos corporativos de TI para a maioria das organizações serão gerenciados fora do orçamento do departamento de TI.
- Até 2016, o impacto financeiro do cibercrime aumentará 10% por ano, em virtude da descoberta de novas vulnerabilidades.
- Até 2015, os preços para 80% dos serviços de nuvem vão incluir uma sobretaxa global de energia.
- Até 2015, mais de 85% das organizações da Fortune 500 não vão conseguir explorar “Big Data” efetivamente para obter vantagem competitiva.

este próximo ano irá segmentar e diferenciar as empresas mais capazes de responder com qualidade as necessidades do mercado relativamente à disponibilidade de stocks, gama de produtos. “Será um ano em que o rigor irá fazer a diferença”. Para a Sony, encontramos-nos claramente num ano de incertezas, sendo que todos os atores do mercado estão a ser prudentes, e a considerar cuidadosamente vários cenários e perspetivas. Certamente que se pode prever algum decréscimo no mercado, embora seja difícil determinar a sua dimensão, disse à “Vida Económica” Oriol Salom, networked products and services group marketing manager da Sony, sucursal Portugal e Espanha.

## Há que tirar partido da crise

José María Alonso, VP e general manager da QlikTech Ibérica, vai mais longe e diz querer tirar partido da crise, oferecendo uma ferramenta de business intelligence fácil de trabalhar mas muito poderosa que ajude as empresas a ganhar maior visibilidade dos seus negócios, o QlikView 11.

Para Jorge Silva, diretor de marketing da Ricoh Portugal, o mercado de TI terá uma retração no geral, mas a estrutura nacional espera crescer com novas estratégias e ações em especial com o alargamento da gama de produtos e soluções. “Em breve iremos anunciar uma nova estratégia que nos vai permitir estar em mais clientes e com mais soluções”.

A Fujitsu Technology Solutions estima que este ano as empresas continuem a procurar o apoio das tecnologias, por forma a tornar a operação das suas organizações mais ágil, tirando o melhor partido possível das plataformas instaladas ou reduzindo custos associados às mesmas. Nesse domínio, diz Susana Soares, products sales group & marketing director, “acreditamos que continuará a existir uma recetividade crescente ao nível da Cloud Computing junto do tecido

empresarial nacional uma vez que estes serviços permitem reduzir significativamente as despesas de capital (CapEx), ter despesas operacionais mais baixas, ser flexível em momentos de evolução e retração (eliminando a necessidade de possuir capacidade não usada), fomenta a inovação (ao agrupar serviços padronizados) e globalmente permitem implementar uma lógica de negócio muito depressa (reduzindo obstáculos à mudança)”.

## Racionalização vai ser notória

Para Nuno Gomes de Azevedo, vice president sales França, Portugal, Espanha e Marrocos da TomTom, no que respeita a 2012, apesar das dificuldades económicas que afetam diretamente o consumo, “a TomTom continuará a apostar no lançamento de novos produtos no segmento da navegação portátil automóvel e em novos segmentos de mercado como fitness & outdoor”.

Para a GFI Portugal, é esperado que, neste contexto de crise económica, a clareza e a racionalização dos investimentos seja ainda maior, onde os modelos sem retorno, ou de difícil medição, não terão qualquer adesão no mercado. Aliás, diz João Girardi, manager business development, nem terão qualquer espaço nos orçamentos de TIC das empresas e instituições públicas de 2012. “Neste contexto, julgo que haverá uma maior planificação dos investimentos, de acordo com as necessidades de curto, médio e longo prazo. A decisão tecnológica e financeira será, mais do que nunca, uma decisão uniformizada”.

Também Nuno Silveiro, south europe sales diretor da SMC, espera um ano mais difícil que o anterior, para o qual a empresa teve de se preparar atempadamente. “Sabemos que existe menos capital para investir quer no sector público quer no privado e que todo o mercado vai estar

(Continua na página seguinte)



reduzir os atuais sistemas, no seu custo, na ordem dos 20%; da Banca não se esperam investimentos de envergadura e, além disso, os próprios bancos, pelo facto de não “financiarem” despesas IT, irão causar um forte abrandamento no tecido empresarial associado a este segmento; das empresas, a falta de “cash flow” e de financiamento...”

Por tudo isto, a Kaspersky diz que não irá ficar de braços cruzados. “Temos uma série de ferramentas comerciais que ajudam na redução de custos, de forma a munir os integradores e os nossos parceiros das armas necessárias para contrariarem esta tendência negativa. Acredito que os ingredientes corretos para isto são mais trabalho, mais imaginação e novas formas de abordagem ao negócio”.

A Bizdirect, do grupo Sonae.com, foi outra das empresas a preferir a palavra desafio no seu “discurso”. “Este ano, a previsão é para uma diminuição no investimento em TI comparativamente a anos anteriores, mas os padrões de exigências e os níveis de serviço da equipa da Bizdirect para os nossos clientes serão os mesmos de sempre, pois temos o compromisso em apresentar as melhores soluções de TI para as suas organizações. Cada euro investido em TI terá obrigatoriamente de ser muito bem explicado em termos de retorno de investimento, e a Bizdirect está preparada para esse desafio”.



# com diagnóstico fatal



empresas se reestruturarem e aproveitarem para investir em tecnologias como forma de otimizar os seus processos internos e se prepararem para ciclos mais otimistas. Ao discurso pessimista sobrepõem-se ações no terreno com vigor e proativas, com empresas a internacionalizarem a sua oferta e presença, aumentando as suas necessidades”.

Também o discurso de Jorge Carrilho, CEO da Inosat, é positivo. “A área de negócio da Inosat está muito ativa, pois o nosso serviço permite um controlo e redução efetivo dos custos com frotas. Atualmente, estamos a ativar o dobro de unidades de localização face ao período homólogo do ano passado. Para 2012 prevemos um aumento da atividade atendendo à necessidade de mais e mais empresas controlarem/reduzirem os seus custos”.

Luís Miguel Campos, CEO do grupo PDM, espera que este ano seja mais difícil, mas é “nos momentos de crise que as empresas portuguesas inovam. Essencialmente porque são repensadas estratégias e se aprendem a racionar recursos”.

Daniel Cruz, territory manager NetApp Portugal, corrobora desta opinião, admitindo que as empresas em anos de crise económica têm que se reinventar de forma a serem mais eficientes. “Para tal surgirão projetos com esse intuito focando a redução de custos, áreas onde a NetApp pode contribuir significativamente”.

## Projetos vão ser adiados

Face à atual conjuntura, acreditamos que se vai manter o adiamento da maioria de projetos de TIC, especialmente os que não são estratégicos ou estruturantes

para as organizações, e uma redução dos serviços constantes dos contratos que já foram objeto de avaliação em 2011, diz João Lopes, diretor-geral da Atos Portugal. Esta empresa acredita que vão surgir projetos inadiáveis em algumas áreas da Administração Pública e no sector privado e anteve um aumento das possibilidades de exportação de serviços para a Europa e África de empresas portuguesas e multinacionais a operarem em Portugal, devido à qualidade dos jovens recém-formados e à sua imagem no exterior.

Joana Peixoto, diretora comercial e de marketing da Opensoft, enfatiza a perspectiva positiva de 2012. “Em 2011 investimos bastante na investigação e desenvolvimento de novas soluções que esperamos venham a dar frutos”.

Também Paulo Campos, managing director iberia & latin america da R&M, ressalva que todos os indicadores são no sentido de uma retração nos investimentos por parte das empresas e administração pública. “Existe uma expectativa em relação ao impacto das medidas governamentais e isso pode, sem dúvida, ter impacto no mercado de TI”. Mas o responsável também diz que, em simultâneo, esta situação pode gerar um aumento da necessidade de datacenters, dado que muitas empresas optaram por colocar este serviço em empresas terceiras, reduzindo desta forma o seu gasto anual em TI, o desenvolvimento de Cloud Computing também leva a essa externalização. “Ou seja, se existir investimento, este estará mais centralizado (nas empresas que oferecem esses serviços)”.

A Altran Portugal não tem qualquer

## 17 previsões para 2012 em tecnologia

Como acontece todos os anos, os principais oráculos da tecnologia começam a divulgar suas previsões para 2012. A IDC e Gartner são dois deles.

### 1 - A TI não perde o ritmo

A IDC prevê que, em 2012, o mercado mundial de tecnologia da informação vai movimentar 7% mais dinheiro que em 2011. O crescimento previsto é similar ao deste ano, estimado em 6,9%.

### 2 - A China ultrapassa o Japão

Do total que será investido em TI no mundo, 28% serão gastos nos países ditos emergentes. E a China deve ultrapassar o Japão em gastos com TI.

### 3 - Tablets conquistam as empresas

Até 2016, pelo menos metade dos usuários de e-mail empresarial vão ler e escrever suas mensagens num tablet ou outro dispositivo móvel, diz o Gartner.

### 4 - Os aplicativos saem do PC

O Gartner prevê que, até 2015, os projetos de desenvolvimento de aplicações para smartphones e tablets vão ser quatro vezes mais numerosos que os projetos de aplicativos para PCs.

### 5 - O Kindle Fire ganha espaço

Para a IDC, o Kindle Fire, da Amazon, vai conquistar 20% do mercado de tablets em 2012. É um número notável para uma empresa que acabou de chegar a esse mercado, onde já existem líderes consolidados como a Samsung e, claro, a Apple.

### 6 - O mundo móvel entra em guerra

Na análise da IDC, 2012 será um ano decisivo na batalha dos sistemas móveis. O Android deve continuar na liderança, seguido pelo iOS. E o ano será crucial para Microsoft, RIM e HP, que deve voltar à disputa.

### 7 - A Microsoft pode comprar a Netflix

Para a IDC, o sucesso do Windows 8 nos tablets é crucial para a Microsoft. Mas isso depende de a empresa comprar ou fazer uma aliança com um provedor de conteúdo na nuvem, como a Netflix.

### 8 - O dinheiro vai para a nuvem

Para a IDC, a computação em nuvem vai crescer quatro vezes mais rapidamente que o mercado de TI em geral. Em 2012, os serviços na nuvem devem movimentar mais de 36 mil milhões de dólares. Esse mercado será disputado por Amazon, Google, IBM, Microsoft, Oracle, Salesforce.com, VMware e outras.

### 9 - Os aplicativos também vão à nuvem

A IDC vê uma migração em massa rumo à computação em nuvem em 2012. Mais de 80% dos novos aplicativos corporativos serão voltados para a nuvem. Das aplicações já existentes, 2,5% serão portadas para a nuvem.

### 10 - A segurança preocupa

Nas contas do Gartner, no final de 2016, mais de 50% das mil maiores companhias do mundo vão armazenar dados confidenciais dos clientes em serviços terceirizados de computação em nuvem. Isso deve aumentar as preocupações com a segurança. 40% das empresas vai exigir testes de segurança independentes ao contratar esses serviços.

### 11 - A energia encarece os serviços

Até 2015, os preços de 80% dos serviços na nuvem vão incluir uma sobretaxa global de energia, prevê o Gartner.

### 12 - Carros e televisores entram na internet

O número de aparelhos eletrônicos de consumo conectados à internet vai superar o de computadores em 2012. A conta, da IDC, inclui desde sistemas a bordo de automóveis até televisores e outros produtos de entretenimento doméstico.

### 13 - A montanha de dados cresce

O volume de dados digitais no planeta vai crescer 48% em 2012, atingindo 2,7 zettabytes (cerca de 2,7 sextilhões de bytes) na estimativa da IDC. Para 2015, o volume previsto é 8 zettabytes.

### 14 - Big data é desafio

A análise de grandes volumes de dados, conhecida como big data, estará no radar das empresas em 2012. Mas, até 2015, só 15% das maiores companhias vão conseguir explorar essa tecnologia para obter vantagem competitiva, diz o Gartner.

### 15 - A Amazon chega à maioria

A Amazon vai entrar para o clube das empresas com faturação superior a 1 bilhão de dólares em TI, diz a IDC.

(Fonte: Exame Info)

**Luís Miguel Campos, CEO do grupo PDM, espera que este ano seja mais difícil, mas é “nos momentos de crise que as empresas portuguesas inovam. Essencialmente porque são repensadas estratégias e se aprendem a racionar recursos”.**

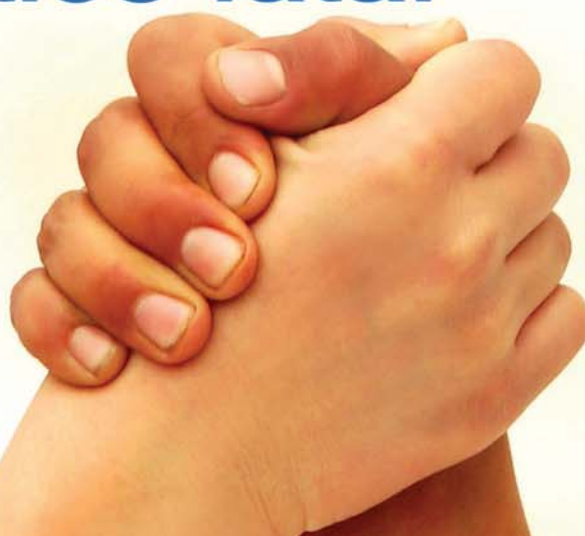
dúvida de que o mercado das TI constituirá uma oportunidade de crescimento no contexto adverso que todos atravessamos. Célia Reis, diretora-geral, diz que o investimento neste setor é cada vez mais estratégico para as empresas enquanto pilar para a melhoria do controlo, ganhos de eficiência, especialização e diferenciação face à concorrência. “Na realidade, as dificuldades em conseguir a aprovação de um orçamento irão obrigar a que, quer os clientes quer as empresas de consultoria sejam muito mais claros na descrição da sua necessidade e no suporte do ROI - Return on Investment, e a que o projeto decorra com uma maior integração de responsabilidades e partilha de risco”.

Portugal é um país com forte investimento tecnológico. E, por isso, Pedro Amaral, senior manager da Sendys, acredita que 2012 será, apesar de tudo, um ano de retoma moderada neste sector. “Algumas tendências emergentes mostram-se bastantes promissoras e as soluções passam por ser mais integradas e abrangentes, em modelos de negócio virtualizados e em soluções de mobilidade. O custo de investimento nestes modelos é menor e fundamental para o crescimento das empresas”.

Para 2012, o desafio de Paulo Gandrita, diretor-geral da Vantagem+, é continuar a contar com a preferência e ser a escolha natural e dos clientes quando querem reforçar as competências do seu capital humano. “Formação e treino são peças fundamentais na dinâmica de qualquer organização e os nossos clientes sabem-no bem, por isso temos uma taxa de retenção de clientes de mais de 90%”.



# Mercado das TI não baixa os braços a um 2012 com diagnóstico fatal



A "Vida Económica" abordou 50 players a atuarem nos mais diversos ramos das Tecnologias da Informação para tentar perceber o que esperam elas de 2012 que, à partida, é desde logo apontado como um mau ano. Obviamente obtivemos as mais diversas respostas. Algumas assumiram que o sector das tecnologias não é imune à recessão económica mas também houve as que garantiram que as TI, por serem essenciais ao negócio, não vão sofrer o impacto do conturbado período económico em que nos encontramos. E praticamente todas preferem falar em desafios, em oportunidades, em inovação e na forte componente de internacionalização do sector.



SUPLEMENTO  
TECNOLOGIAS  
DE INFORMAÇÃO

**Mercado das TI  
não baixa os braços  
a um 2012  
com diagnóstico fatal**